

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O HOMEM E SUA TOTALIDADE

O homem já foi caracterizado de diversas formas. Nos primórdios, acreditava-se na ideia de que o homem era um ser natural, era possuidor de uma essência original que o caracterizava como bom. Segundo essa ideia, o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Posteriormente, pensava-se o homem como ser isolado, onde ele era visto como um ser não social, desenvolvendo gradualmente sua necessidade de relacionar-se com outros indivíduos. Outra ideia é a do homem abstrato, onde as características do ser independeriam das situações da vida. O homem, porém, não pode ser concebido como natural, porque é um produto sócio-histórico; nem como ser isolado, porque ele se torna humano em função de ser social; e também não pode receber o título de abstrato, porque o homem é o conjunto de suas relações sociais (1).

Mesmo sendo considerado o mais desenvolvido de todos os animais que existem na Terra, o homem é dependente de cuidados quando nasce. Depende do contato com outro ser humano para ser higienizado, alimentado e sem esse contato não poderia se manter vivo (2). Ele apresenta um conjunto de traços herdados de seus pais que fornecem as condições básicas para a sobrevivência (instintos básicos). Porém, o que a natureza fornece ao homem não é suficiente para garantir sua vida em sociedade, havendo então uma necessidade de desenvolver novas formas e capacidades de apropriar-se do que a sociedade humana criou. A pessoa se apropria então, da cultura criada por gerações anteriores a ela. Sendo assim, as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio histórico do homem e da humanidade, mas dão-lhe sustentação (1).

Sob a ótica psicanalítica, o sujeito não nasce com um 'eu' (sujeito psíquico) pronto, mas irá constituir-lo a partir de si e das suas relações sociais (3).

Segundo a Teoria do desenvolvimento, a vida do homem é dividida em fases, onde ele nasce como criança, cresce e se torna adulto, depois envelhecendo tornando-se idoso. Em seu primeiro estado como criança, ele é introduzido no mundo da cultura por outros indivíduos (1).

Para se compreender o processo de humanização do homem, há de se observar que o mesmo tem a capacidade de aprimorar as técnicas de trabalho, desde as mais rudimentares, a exemplo da pedra lascada até as utilizadas nos dias de hoje, como a virtualização das ações. Ao mesmo tempo em que ele desenvolveu tais habilidades, houve também a expansão e complexificação da linguagem articulada, geradora de signos que são internalizados e transformam o psiquismo. O homem cria rituais, leis, normas econômicas e políticas, porém, tomando como base apenas essas características, ainda não se consegue entender o processo de humanização (4).

Há várias ciências que se dispõem a explicar esse processo e cada uma parte de uma base teórica distinta. É o exemplo da Filosofia, História, Psicologia, Sociologia, Antropologia, entre outras. Analisando a visão sócio-histórica, encontramos a ideia marxista que considera que o homem existe como espécie e como indivíduo, que é um resultado, um produto do desenvolvimento histórico e, portanto, um produto social. O humano é o resultado do entrelaçamento do aspecto social no sentido cultural e do aspecto individual, no sentido biológico (4,5). A abordagem sócio-interacionista, de Vygotsky, diz que o desenvolvimento humano se dá através das trocas entre parceiros sociais, pelos processos de interação e mediação. Vygotsky acredita que até as atividades individuais do ser estão impregnadas por trocas do coletivo, portanto, por mais pessoal que se caracterize uma ação, ela foi construída a partir da interação com outro indivíduo (6). Tocando em miúdos, é ao se apropriar de tudo que foi produzido pela espécie humana e de sua cultura que o homem se torna humano, o que o diferencia é o fato de não se conformar apenas com a manutenção de sua vida física, mas trabalhar também pela manutenção de sua cultura (4).

Ao apropriar-se da cultura vinda do meio em que convive o homem se desenvolve. Desenvolver-se não é um processo linear, mas tem seu conceito atrelado a um contínuo de evolução que as pessoas vivenciam ao longo do ciclo vital. Tal processo se dá na área social, motor, afetiva e cognitiva da existência do

ser (6). Seguindo essa ideia, o meio tem papel importante na construção da humanidade no homem.

Esta visão de que o homem é um ser que existe na relação com o outro teve suas bases muito antes da sistematização da psicologia social. Já na época de Platão e Aristóteles, filósofos das civilizações clássicas, existiam especulações a respeito do homem e de seu comportamento social (7). Aristóteles, citado por Lima diz que:

As primeiras uniões entre pessoa, oriundas de uma natural, são aquelas entre seres incapazes de existir um sem o outro, ou seja, a união da mulher e do homem para a perpetuação da espécie (isto não é resultado de uma escolha, mas nas criaturas humanas, tal como nos outros animais e nas plantas, há um impulso natural no sentido de querer deixar depois do indivíduo, um outro ser da mesma espécie). (8).

Pela incapacidade de existir sem o outro, o ser humano se ajuntou a outros seres da mesma espécie e para que este ajuntamento de pessoas fosse viável, fez-se necessária então, a criação de um regulamento, regras que possibilitassem a vida em sociedade. Nascia então a cidade, que é uma criação natural. Aristóteles dizia que a sociabilidade é uma característica humana e que por ser um animal social constituiu a cidade e a família (8).

A família afigura-se a princípio como um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a geração, que fornece os indivíduos do grupo; as condições do meio, postuladas pelo desenvolvimento dos jovens e que mantêm o grupo desde que os adultos geradores assegurem sua função, sendo também a primeira responsável por transmitir ao homem as produções humanas como os valores e crenças através do cuidado (1,9).

Ela é um terreno obrigatório de afetos, com suas relações de poder, rótulos, preceitos, um modelo do sagrado e partindo da premissa de que o meio social se altera durante a evolução da história é que podemos compreender a construção do atual modelo de família que se caracteriza, principalmente, pelas relações de poder fundadas pelo patriarcado (2).

Partindo da ideia da psicologia social, a família não pode ser considerada como uma instituição natural, pois é de acordo com o contexto social de cada época, de cada sociedade e de acordo com as formas históricas de organização entre os indivíduos que a vida doméstica assume suas formas específicas. Esses indivíduos,

movidos pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, estabeleceram entre si formas de organização distintas com a finalidade de garantir a própria subsistência. Essas diferentes formas de organização dos grupos humanos eram baseadas na divisão do trabalho social e da sexualidade entre os seus membros, e compreenderam também diferentes formas de relacionamento entre eles (2,10).

Família, segundo o Dicionário Aurélio , significa: “O pai, a mãe e os filhos: família numerosa. / Todas as pessoas do mesmo sangue, como filhos, irmãos, sobrinhos etc. [...] Os descendentes de um indivíduo, a linhagem, a estirpe [...]” (11).

Como se pode perceber, o dicionário traz uma definição que compreende os integrantes da família de uma maneira padrão, sendo composta por pai, mãe e filhos e pessoas que tenham o mesmo sangue. Aponta o laço sanguíneo como característica da família, o que demonstra uma visão nuclear sobre a mesma (10).

No século XIX apresenta-se um modelo ideal de família de acordo com o pensamento daquela época e esse deveria possuir as seguintes características:

1- tem sua origem no casamento; 2- é constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união; e 3- os membros da família estão unidos entre si por (a) laços legais, (b) direitos e obrigações econômicas e religiosas ou de outra espécie, (c) um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo e outros. (10).

Porém, o contexto sócio histórico dos dias atuais apresenta modelos diferenciados para ela. Há famílias compostas apenas por mãe e filhos; por pai, mãe, avós e filhos; por pais de um mesmo sexo; por casais que já tiveram outros relacionamentos e tem filhos que vem deles; por avós e netos apenas; entre vários outros modelos (1).

O modelo nuclear de família, demonstra a realidade daquele momento histórico. Nele predominava a constituição familiar formada por homem, mulher e filhos do casal. Tal configuração familiar ainda existe nos dias de hoje e predomina sobre os outros modelos. Porém, a sociedade foi construindo através dos anos, diversificadas formas de configurações, modelos diferentes da forma nuclear, que se desenvolveram e possuem reconhecimento perante a sociedade. O que não significa aceitação desses novos e diversos modelos, mas sabe-se que eles existem e que estão presentes em vários tipos de contextos (10).

A família é uma instituição social e não existe uma única definição do que ela venha a ser (1). Existe uma pluralidade de definições familiares, visto que a família saudável é a que se constrói a partir de laços afetivos, expressos por gestos de amor e carinho, sendo capaz de manifestar sentimentos de dúvidas, dividir conhecimentos, valores e crenças (2).

É neste ambiente familiar que o indivíduo tem seu primeiro contato com a sociedade. A família é responsável por transmitir valores ideológicos, onde ocorrem os primeiros aprendizados dos hábitos e costumes da cultura, é incumbido a ela o dever de cuidar da sobrevivência física e psíquica da criança (1).

A formação da criança enquanto cidadão participante de uma sociedade se inicia na família, mas não se limita somente a ela, pois depende também do contexto social em que se está inserido. As pessoas se parecem muito com aquelas que compartilham o mesmo espaço que elas porque possuem as mesmas influências genéticas provenientes da espécie e influências ambientais como membros de um determinado grupo sociocultural. Mas por esses mesmos motivos se diferenciam tanto entre si, tendo cada uma a sua própria herança, suas próprias experiências em vários contextos, recebendo influências distintas e ainda carregando muito do pessoal (12).

O desenvolvimento da personalidade e das emoções está intimamente ligado aos processos educativos e socializadores. Durante os primeiros anos da infância, o contexto onde as crianças se desenvolvem é a família, sendo necessário observar sua diversidade quando se estuda o desenvolvimento da personalidade em seus aspectos diferenciais (12).

Ao se desenvolver no seio familiar, a criança é influenciada por esse meio, composto por pai, mãe e irmãos. No entanto, a estrutura da família se torna cada dia mais diversificada e hoje é impossível não se deparar com esta multiplicidade de modelos familiares. Famílias de pais separados que realizam novas uniões, das quais resulta uma convivência entre os filhos dos casamentos anteriores de ambos e os novos filhos do casal; a família chefiada por mulheres; a nuclear; a extensa; a homossexual e vários outros padrões que as relações humanas vão produzindo (1).

Segundo a teoria psicanalítica, é nos dois primeiros anos de vida que se estruturará a psiquê do sujeito, ou seja, o indivíduo deve sua forma mentis – caráter,

inteligência, atitudes, personalidade – àquilo que nele se estruturou nesses primeiros tempos de vida e de relação com outros seres, em especial, com seus pais (13).

A teoria da vinculação diz que o estilo educativo parental engloba a relação emocional estabelecida entre os pais e a criança, os sistemas de crenças, as práticas educativas e os comportamentos dos pais (14). Cesar Coll, falando sobre o trabalho de Macoby e Martin, aponta a importância do comportamento dos pais e seus estilos educativos na formação da criança. Ao estudar os vários trabalhos sobre as maneiras utilizadas pelos pais e mães na criação de seus filhos, mediante o processo de socialização familiar no desenvolvimento da criança, perceberam uma coincidência muito importante em duas dimensões básicas no comportamento dos pais: afeto/comunicação e controle/exigências. Considerando que a formação da personalidade da criança recebe influências diretas de suas relações familiares, as relações de afeto e comunicação, bem como o controle e as exigências dos pais para com os filhos, também são fatores determinantes para a construção do saber e da personalidade dela (12).

O afeto é um esquema funcional adquirido nas experiências da vida psíquica primária: o fato de cada indivíduo ter a sua própria estrutura afetiva caminha para uma aquisição pessoal dessa; e já que o afeto é comunicável, a aquisição deve ser relacional. O afeto aparece como a primeira estrutura da mente e sua origem se dá partir de uma experiência, apresentando-se como um aprendizado e também como a aquisição de uma linguagem, através da qual os esquemas funcionais afetivos são aprendidos e comunicados num diálogo interpessoal, o que demonstra a relevância da relação entre pais e filhos durante a primeira infância desses (13).

A comunicação (de todas as maneiras com as quais ela se apresenta) é o instrumento pelo qual a criança tem acesso e se apropria da cultura. Assim, quando há uma comunicação satisfatória, os pais demonstram grande sensibilidade diante das necessidades dos filhos e também os estimulam a verbalizar e expressar suas ideias, a relação se torna mais estreita e acolhedora. Quando acontece o contrário, existindo falta de expressões de afeto, frieza e hostilidade (até mesmo rejeição) a relação se torna fria e distante (12).

O controle e as exigências estão associados à maneira disciplinar dos pais. De acordo com a maneira utilizada pelos pais para impor limites, a forma exigente ou não na hora de se propor situações desafiadoras que requeiram esforço


da parte da criança, se controlam de maneira mais ou menos eficaz a conduta do filho, se estabelecem normas e exigem o cumprimento das mesmas de forma firme e coerente, a criança internaliza ou não as regras. É claro que essas dimensões devem ser entendidas de acordo com o contexto de diferenças quantitativas e qualitativas que fazem parte do *continuum* entre ambos os polos (12).

O fator parentalidade, discutido amplamente pela teoria da vinculação, é o que diferencia a relação Pai/filho das demais ligações que a criança realiza. Ela não é apenas uma influência dos pais sobre os filhos, mas se apresenta em forma de um processo de co-construção e deste modo, como um conjunto de processos interativos em que os pais e a criança reagem perante as características de cada um, em um determinado ambiente e contexto que também tem influência. Faz parte do processo de socialização, compreende o conjunto de atividades realizadas pelos indivíduos que se posicionam no papel de pais e assumem funções parentais para responder às necessidades dos filhos visando à promoção do seu desenvolvimento de forma harmoniosa. É possível diferenciar alguns pais de outros com base no tom emocional que serve de guia para a relação entre eles e seus filhos (12,14).

O desenvolvimento da criança e o comportamento dos pais estão atrelados por processos de influência recíproca e múltipla, ainda que os pais não sejam os únicos influenciadores (14).

Seguindo a tipologia de estilos educativos proposta por Cesar Coll, pode se caracterizar os estilos educativos como Estilo Permissivo, Estilo Autoritário, Estilo Democrático, Estilo Indiferente ou Negligente e cada um tem suas características particulares conforme a tabela 1. Há que se ressaltar que tais estilos são oriundos da combinação entre as dimensões (afeto/comunicação e controle/ exigências) descritas anteriormente (12).

Tabela 1. Tipologia de estilos educativos e familiares

	AFETO E COMUNICAÇÃO	
CONTROLE E EXIGÊNCIAS	ALTO ←————→ BAIXO	
	Afeto e apoio explícito; aceitação e interesse pelas coisas da criança; sensibilidade com suas necessidades.	Afeto controlado, implícito distanciamento e frieza nas relações; hostilidade e/ou rejeição.
ALTO Existência de normas e disciplina; controle e restrições de conduta; exigências elevadas.  BAIXO Ausência de controle e disciplina; ausência de desafios e poucas exigências.	DEMOCRÁTICO	AUTORITÁRIO
	PERMISSIVO	INDIFERENTE

Fonte: (12)

O estilo permissivo é aquele onde há um elevado nível de comunicação e afeto, em conjunto com a ausência de controle e de exigências de maturidade. Os pais permissivos são pouco propensos a estabelecerem regras e normas às crianças. Neste caso, são os desejos da criança que norteiam o comportamento dos adultos. Tendem tornar realidade todos os desejos dos filhos, procurando se adaptar às suas necessidades, fazendo o mínimo de intervenções possíveis com ações que demandem exigências e pedidos de esforços (12,15).

O estilo autoritário é caracterizado por um alto valor de controle e exigência, mas baixos valores de afeto e comunicação. Pais autoritários são rígidos e autocráticos, estabelecendo altos níveis de exigências, regras estritas independentemente de qualquer participação da criança. Enfatizam a obediência através do respeito às ordens e à autoridade. São adeptos do uso de castigos e punições como forma de controle de comportamento. Não costumam valorizar o

diálogo e a autonomia, agindo com rejeição às opiniões e questionamentos da criança (15).

O estilo democrático é dotado de níveis elevados de afeto e comunicação, conjugado a um também elevado nível de controle e exigências. Os pais que possuem esse estilo mantêm uma relação comunicativa, acolhedora e afetuosa com os filhos, no entanto são exigentes e firmes com os mesmos. Fazendo uso do diálogo, sensibilidade e tomando por base as capacidades de cada criança, eles estabelecem regras que são mantidas de maneira coerente mesmo que não rígidas. Quando exercem o controle preferem formas indutivas baseadas na explicação e no bom senso. Outra prática frequente é a estimulação dos filhos frente aos desafios que exigem deles determinado nível de esforço, mas que estejam dentro de suas capacidades (12).

No estilo indiferente ou negligente encontramos os mais baixos níveis das duas dimensões, onde é encontrado pouco envolvimento nas tarefas de criação e educação. Pais negligentes não são nem afetivos nem exigentes. Demonstram um baixo interesse no processo de socialização, não monitoram o comportamento da criança e tendem a ser distantes e frios. Atendem apenas as necessidades básicas (ou nem o fazem) dos filhos e geralmente não estipulam normas, não fazem exigências, mas em alguns momentos exercem um controle excessivo incoerente e sem o uso do diálogo para explicar o porquê das repreensões e castigos impostos (14).

Cada estilo, quando aplicado, traz consequências sobre a criança. Podemos dizer então que filhos de pais permissivos se mostram mais vitais e alegres, mas são pouco persistentes nas atividades, imaturos e incapazes de controlar seus impulsos. Os que convivem com pais autoritários costumam apresentar baixa autoestima e também pouco controle, embora pareçam submissos e obedientes quando o controle é extremo. Os filhos que vivenciam o estilo democrático são os que apresentam as características mais desejadas pela nossa cultura, pois costumam ter autoestima elevada, confiança e persistência ao enfrentar adversidades. Possuem autocontrole, propensão a interiorizar valores sociais e competência social. Os filhos que experimentam o estilo negligente têm dificuldades de identidade e baixa autoestima. São pouco sensíveis às necessidades dos demais, tem dificuldades em acatar normas, além de se tornarem vulneráveis e voltados a experimentar conflitos sociais e pessoais (12,14,15).

Esses estudos compreendem os achados a respeito deste tema nas últimas décadas. Entretanto, pecam por considerarem as influências familiares como um processo unidirecional e simples, onde só as práticas dos pais influenciam e produzem características nos filhos. É necessário observar também a individualidade de cada um e saber que o que funciona para uma criança pode não funcionar para outra. Devesse entender toda a complexa teia de relações na qual ela está inserida e a partir daí vislumbrar o entendimento da dinâmica familiar que a rodeia (12).

Observando as famílias desde o início do século XIX até os dias de hoje podemos destacar grandes mudanças na instituição familiar. A sociedade moderna se modificou na área econômica, política e cultural afetando significativamente todos os aspectos da existência pessoal e social. Essas mudanças repercutem fortemente na vida familiar, desde o modelo de formação até o provedor do sustento. A expansão da economia acelerou o processo de retirada da produção de casa para o mercado, anteriormente o que era produzido no espaço doméstico passa a apertar os orçamentos familiares, e o trabalho assalariado passa a ser um instrumento também utilizado pelas mulheres (9,16).

Todas as mudanças na sociedade contribuíram para que o modelo patriarcal, já citado anteriormente, ganhasse outros contornos. A mulher ser introduzida no mercado de trabalho fez com que ela se transformasse em peça importante na providência financeira da família e em muitos casos é a única provedora. Isso contribuiu para o afastamento precoce dos filhos do convívio familiar, fazendo assim com que o compromisso de educar os filhos seja dividido com a escola. A figura do pai com tudo isso passou a ser ou mais presente na educação dos filhos ou em alguns casos a formação familiar não conta mais com essa figura, considerando os inúmeros casos de mães solteiras, viúvas ou separadas que comandam a família, o que não difere dos pais que muitas vezes também estão à frente de suas famílias sem a ajuda de uma companheira (16).

Os casamentos deixaram de ter relação com negócios das famílias e começaram a se basear nos interesses individuais, ou seja, do casal. A relação entre pais e filhos é mais próxima hoje, o que propicia uma educação mais liberal e a figura paterna deixou de ser mais vista apenas como o provedor do sustento fazendo com que fosse cobrado dele mais participação na educação dos filhos e nos assuntos domésticos em geral (16).

A família, da forma como vem se modificando nos últimos tempos, impossibilita sua identificação como um modelo ideal ou único. Manifesta-se como um conjunto de trajetórias individuais que se apresentam como arranjos diversos e organizações domiciliares peculiares (9). Há quem nomeie a família do modelo patriarcal como 'moderna ou nuclear' e as novas configurações, os modelos contemporâneos são chamados de 'famílias pós-modernas' (17).

A principal característica do casamento e da família na pós-modernidade é justamente a inexistência de um modelo dominante, tanto nas práticas como no discurso normatizador das mesmas, em todos os contextos sociais. Ideais antes estabelecidos pelas famílias patriarcais como o trabalho, casamento, o amor e a sexualidade, passaram a figurar como projetos individuais. A procura da individualidade influenciou as mudanças dos padrões familiares diretamente (17,18).

Outro fator que contribuiu para que a estrutura familiar se alterasse foi a introdução da mulher no mercado de trabalho. Com isso os papéis sexuais e as obrigações entre pais e filhos não tem mais a definição que tinham no passado. Muitas mulheres abrem mão da maternidade, o que facilita a presença delas no mercado de trabalho e muitas além de trabalhar enfrentam a difícil missão de cuidar de suas casas, marido e filhos. As relações, em comparação com as presentes no modelo tradicional, são muito distintas. Os membros integrantes da nova família estão diferenciados, as pessoas passam por um processo de transformação no que diz respeito à forma de pensar, diante dos questionamentos, da maneira de viver num mundo em constante mudança (9,18).

A mudança neste padrão resulta em surpreendentes e novos quebra-cabeças familiares: filhos de pais separados que voltam a se casar vão formando uma enorme rede de meios-irmãos, tios, pais e avós adotivos (9).

A composição pode variar em uniões consensuais de parceiros separados ou divorciados; uniões de pessoas do mesmo sexo; uniões de pessoas com filhos de outros casamentos; mães sozinhas com seus filhos, sendo cada um de um pai diferente; pais sozinhos com seus filhos; avós com os netos; e uma infinidade de formas a serem definidas, posicionando a sociedade diante de uma nova família, diferenciada do clássico modelo de família nuclear. A legalização do divórcio também é fator contribuinte para as novas formas de família. Segundo a visão que a sociedade e os próprios membros da instituição familiar tinham sobre o casamento,

ele deveria ser insolúvel e inquestionável. Quando passa a ser possível, o divórcio e novos casamentos, a família automaticamente se reformula e reinventa (9).

A monoparentalidade também se constitui como modelo familiar, embora seja mais comum no meio feminino, também é possível encontrar pais que vivem sozinhos com seus filhos. Outro modelo muito comum é o das famílias recompostas, onde houve uma nova união após o término da outra relação conjugal (9).

Mesmo considerando a grande diversidade de modelos, podemos citar características que as famílias contemporâneas apresentam em comum, a exemplo, a diminuição do número de membros, aumento na participação feminina na manutenção do lar, redução do número de casamentos religiosos, participação de muitos membros da família na economia da mesma, a chefia da família tende a ficar nas mãos dos mais velhos, quanto mais rica mais chefes responsáveis e quanto mais pobre mais os filhos contribuem na renda familiar (16).

A família em sua função primordial, independente de sua formação, carrega então a função de imprimir no indivíduo a cultura. Porém, não consegue sozinha transmitir à criança tudo aquilo que a mesma precisa para a vida. Faz-se necessário também preparar a criança para o trabalho e a vida em sociedade. Surgiu então uma instituição especializada na formação acadêmica do ser: A Escola, com a qual os pais dividem a função de educar os filhos (1).

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR: INSTITUCIONALIZAÇÃO E SUAS CONCEPÇÕES EDUCATIVAS

Olhando para a história, percebe-se devido às mudanças sociais criadas pelo próprio homem, que a família sozinha não podia mais preparar seus filhos para o trabalho e para a vida social, sendo necessária a criação de uma instituição que soubesse educar não mais para a vida privada, mas para o trabalho que se encontrava no âmbito da vida pública. A escola então tornava-se a instituição especializada.

Como a escola trata as diferenças individuais e como ela se relaciona com a família é sem dúvida de suma importância para o aprendizado da criança.

Nesse sentido, faz-se necessária a discussão sobre a relação estabelecida entre a escola e a família dos dias atuais, levando em conta o momento histórico vivenciado.

A escola no mundo contemporâneo tornou-se uma das principais instâncias culturais, com a tarefa de transmitir os elementos da cultura, reproduzir e transformar normas sociais e também políticas. A relação de intimidade entre a cultura e a educação é visível em qualquer civilização (19).

Sabe-se que sempre existiu a educação, mas a escola é uma criação social do homem (1). Educar, nos primórdios, era o mesmo que viver a vida da comunidade em seu dia-a-dia, onde os mais velhos transmitiam suas experiências através das histórias, festas coletivas e tradições sem a necessidade de se haver uma instituição própria que sistematizasse a transferência de conhecimento e com isso formava-se o indivíduo para atuar em comunidade. A cultura era passada naturalmente, portanto, nas formações sociais da antiguidade, todos os adultos ensinavam. A aprendizagem se dava pela prática e tornava impossível a separação do saber, da vida e do trabalho (1,20,21).

Falando sobre a educação, Martins diz que: se toda educação é sempre transferida de alguém para alguém, ela supõe a necessidade de comunicação, a transmissão, a aquisição de conhecimentos, crenças, valores, hábitos que constituem o que é chamado de 'conteúdo' da educação. Tal conteúdo que é transmitido na educação é sempre algo que nos precede e ultrapassa, nos instituindo enquanto sujeitos humanos. Pode-se perfeitamente nomeá-lo como cultura. (19)

Desde sua institucionalização, a escola, instância socialmente reconhecida como 'locus' de produção e reprodução da cultura, tornou o 'ethos' - sistema de valores - favorável ao cultivo de uma cultura determinada: a cultura pedagógica, que é resultado de práticas educacionais, procedimentos e representações contribuintes para a formação da postura do ser estudante e do ser professor. Através das representações que permeiam o ambiente escolar se criam identidades fundamentais para o reconhecimento profissional do professor e também para a construção de posturas do ser estudante. Esse fenômeno acontece graças a objetividade e simultaneamente subjetividade de tais representações. Elas refletem uma conjuntura sociocultural determinada, mas também atuam como instauradoras de procedimentos de nossas ações no cotidiano (19).

O primeiro registro da sistematização da escola aparece somente a partir da Idade Média, na Europa, onde a educação tornou-se produto da escola e um determinado grupo de pessoas, a maioria ligada à religião, se especializou na arte de transmitir o saber. Nesse período, o ensino era direcionado as elites e não havia separações entre crianças e adultos. Não havia, portanto, uma organização disciplinar voltada para o aluno (1,20).

No Brasil, no final do império e início da república, a política educacional era realizada basicamente no âmbito da sociedade civil, ministrada pela Igreja Católica, porém, com o tempo e as mudanças políticas começou a delinear-se como estatal em decorrência do fortalecimento do Estado. Durante o Período Colonial (1500-1822), a educação se baseava em interesses, pois assegurava aos portugueses o domínio deles sobre os índios e os negros escravos. No final desse período e durante o Império (1822-1889), o país assumiu a estrutura de classes bem delineadas e a educação passava a reproduzir a estrutura delas. A partir da Primeira República (1889-1930), ela começa a ser fortemente valorizada como instrumento de reprodução das relações de produção. Era também utilizada como meio de se distinguir uma classe de outra. Quem detinha o poder econômico tinha acesso à educação que partia da iniciativa privada, pois não havia uma estrutura educacional proveniente do Estado (22).

Foi a partir do século XVII que a escola começou a tomar esta forma que conhecemos hoje e se observarmos bem, veremos que o surgimento desta instituição está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. No momento da Revolução Industrial, em 1750, houve a necessidade de que aqueles trabalhadores das fábricas soubessem pelo menos ler, escrever e contar para que conseguissem desenvolver as atividades propostas (1,19,20). A burguesia, que estava no poder, percebeu o quão importante seria trabalhar com operários que fossem 'educados e socializados', transformados em 'bons' cidadãos e trabalhadores disciplinados. A função da escola durante esse período então, era transmitir valores da burguesia, delimitar o lugar de cada um na sociedade segundo sua classe social, imprimir nos indivíduos as normas e valores da classe que dominava (20).

Houve um intenso esforço, no século XIX, para que a efetivação dos sistemas educacionais se tornasse realidade. Tal esforço ocasionou-se da ferrenha luta entre liberais e reacionários, progressistas e conservadores, brigando pela

liderança do processo educacional. Essa luta se deu entre duas potências antagônicas: a Igreja e o Estado, sendo o último o vencedor da disputa. Proliferaram-se então, neste mesmo século, as leis que vigorariam sobre a instituição pública e os sistemas nacionais de educação nos países americanos e europeus. Mediante este novo cenário, evidenciou-se a importância da formação dos profissionais da educação e do ensino elementar. As Escolas Normais, com a função de formar professores, propagaram-se por todas as Américas e também na Europa (19).

No Brasil, as Escolas Normais surgiram também no século XIX, com professores improvisados, mal remunerados e mal formados. Mais uma vez a escola sofria influências do momento histórico na qual estava inserida, pois houve a necessidade de expansão e proliferação da mesma, devido ao momento político vivido naquele período (19).

A instituição escolar começa a funcionar como uma ferramenta base para o desenvolvimento do capitalismo. Escola vigora como Aparelho Ideológico de Estado, sendo então um instrumento da burguesia, pronto para difundir a sua visão de mundo e de vida. Juntamente com esse instrumento há outros que reforçam e complementam: os meios de comunicação e a família. Os dois fazem o trabalho de conseguir criar a opinião da massa. A burguesia mantém a sua dominação, tornando tudo o que é produzido pelo capitalismo como uma coisa natural como se a escola fosse neutra e oferecesse oportunidades iguais a todas as pessoas que têm acesso a ela (22).

Bourdieu, citado por Coimbra e Cardoso diz que o sistema escolar 'é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural' (20,23). Ele ainda diz que é a cultura transmitida da família para a criança a primeira responsável pela diferença da mesma na escola, tomando-se em conta que cada família transmite a seus filhos determinado capital cultural e certo 'ethos' que define as atitudes mediante ao capital cultural e frente à instituição escolar. Portanto, quanto mais elevada for a categoria do nível cultural dos pais, maiores são as probabilidades de êxito da criança na escola. A herança cultural, fornecida pela posição social, influencia desde o êxito do aluno na vida escolar até a continuidade do ensino e a escolha da carreira profissional (23).

Quando ocorreu a transferência da educação familiar para a escolar, novas políticas e temáticas foram adotadas e os discursos educacionais se

ampliaram. A família não tinha mais a sua função de educar, o que gerou um distanciamento entre ela e a escola. Porém, com a ideia de se renovar a escola e a pedagogia, a família novamente foi introduzida no contexto escolar com o papel de colaboradora na educação dos filhos. Para que a função de civilizar e instruir através da educação se tornasse possível, a família não poderia ficar fora desse processo educativo (19).

A família tinha deixado de exercer o papel de centro produtor para exercer o papel de centro consumidor, assim, foi perdendo a característica educadora, deixando essa função nas mãos do Estado (24). Marques diz, a respeito deste tema que:

O Estado-educador tem substituído a família, as restantes comunidades naturais e a sociedade civil no desempenho das funções de apoio ao desenvolvimento integral do educando. A medida que a família foi recuando nas suas funções educativas, o Estado foi ocupando o espaço vazio e, nas últimas décadas, essa intervenção estatal transformou-se num perigoso monopólio que urge quebrar, sob a pena de a escola pública de massas se tornar um mecanismo de propaganda ideológica e de controle político dos cidadãos. (25).

Com o passar do tempo, a relação escola-família sofreu várias transformações, passando de uma relação assimétrica, em que se era atribuído um maior poder à escola e um papel considerado passivo por parte dos pais, para uma relação simétrica, em que há uma maior proximidade e onde a relação íntima entre família e escola é desejável (25).

A Escola Nova era um movimento educacional que procurou modernizar o ensino, trazendo para a escola descobertas nas várias ciências sobre o ensino e a aprendizagem. Ela propunha quatro pontos básicos:

1. A 'revisão crítica' dos meios tradicionais do ensino, nos quais a individualidade não era fator de preocupação.
2. Inclusão de fatores históricos e culturais da vida social na formação educacional.
3. A utilização dos novos conhecimentos da biologia e da psicologia para que o educador estabeleça os estágios de maturação do indivíduo na infância, assim como o desenvolvimento de sua capacidade individual.
4. A transferência da responsabilidade da ação educadora da família e da Igreja para a Escola, como forma de amenizar as diferenças sociais e culturais existentes entre os diversos grupos e, juntamente com isso, a responsabilização do Estado pela educação do indivíduo. (26).

Heitor Lyra da Silva, um dos integrantes do movimento de renovação educacional, criou no Rio de Janeiro em 1924 a Associação Brasileira de Educação

(ABE). Essa associação foi a primeira entidade do Brasil que se propôs a reunir intelectuais da educação para reformar o ensino no país (21).

Criada a ABE, surgiu também a Seção de Cooperação da Família, tendo por presidente Armanda Álvaro Alberto, e o objetivo principal da seção era organizar atividades e eventos que propiciassem a aproximação entre a família dos alunos e a escola. Assim, criou-se o Círculo de Pais e Professores tanto nas escolas públicas quanto em particulares visando uma atuação em conjunto entre pais e professores mediante o processo educativo. As ideias da Escola Nova passaram por um processo de propagação em diversos setores da educação, buscando aceitação das práticas escolares e a família neste enredo tinha o papel de facilitadoras do novo modelo. Se a família tomasse conhecimento dos métodos que contribuiriam para a educação e desenvolvimento de seus filhos, o novo ideal de educação seria visualizado como assertivo e adequado (16).

Em 1932, os intelectuais ligados ao movimento Escola-Novista elaboraram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, destinado ao governo e à população. Esse documento destacava a necessidade de a nova pedagogia ser baseada nos princípios de solidariedade, assistência social e cooperação, onde todos deveriam ter acesso à educação e esse acesso deveria ser possibilitado pelo Estado de forma gratuita. A educação deveria ser comum e única para todos e o ensino deveria ser laico (21,24).

Sobre a relação família e escola, o documento ressalta que a escola deve agrupar “[...] em torno de si as famílias dos alunos, promover ações incentivadoras dos pais em função da educação e desenvolver atividades de cooperação entre os professores e pais.” A escola, segundo o manifesto, não poderia trabalhar separada dos núcleos familiares (24). Quanto aos deveres do Estado com relação a essa aproximação, o documento aponta que o Estado não deve prescindir da família, ao contrário precisa fundamentar o trabalho da educação no apoio que ela dá à escola e na colaboração efetiva entre professores e pais. Essa é uma obra social que tem o dever de restabelecer a confiança e fazer mais próxima esta relação, associando essas duas forças social – a família e a escola, que operavam de todo em separado e em direções às vezes opostas (21,24).

Foi a partir daí que a família passou efetivamente a fazer parte do contexto escolar de seus filhos, mesmo que precariamente (24). Porém, para compreender os processos de desenvolvimento e os impactos dele no indivíduo, é

preciso observar tanto o contexto familiar quanto o escolar e suas inter-relações. Por exemplo, a taxa de repetência e evasão escolar está intimamente relacionada à estrutura familiar na qual o sujeito está inserido, sendo que essa família pode intensificar ou evitar esse ato. Jovens que vivenciam situações de agressividade e de violência no interior da vida privada facilmente aceitam ou promovem a violência no meio escolar. Filhos que não aceitam a autoridade dos pais acabam também recusando a autoridade dos professores (27,28).

Anteriormente, a escola e a família funcionavam em uma sociedade baseada em regras e princípios de obediência, porém, hoje há um declínio da autoridade paterna (internalização da lei), o que gera fenômenos em cadeia (28). É importante salientar que tanto a família quanto a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem que podem funcionar como inibidores ou propulsores do processo de aprender (27).

A escola que está inserida em um contexto sócio histórico atual sofre as consequências de todo este mal-estar, relacionado ao declínio da autoridade. Padece de diversas insatisfações: dos professores que não tem a sua disposição materiais indispensáveis à prática docente e de alunos devidamente socializados e motivados; insatisfação dos pais, em seu desejo de transferir a responsabilidade de impor limites e dar afeto aos filhos para outras instituições; e insatisfação dos jovens transformados em meros fantoches das escolas, onde vivem em tensão entre conflitos da família, desregulação geral da vida social e a incapacidade de compreender a relação entre o que lhes é exigido de momento e o que esperam ou não esperam fazer no futuro (28).

A família estar unida a escola pode então contribuir para o total desenvolvimento das crianças, quando essas duas partes agirem coerentemente na construção do processo educativo. Amor e dedicação são peças importantes nesse quebra-cabeças e deve emanar de ambas as partes, havendo também muita sintonia nos pensamentos e valores, proporcionando assim segurança às crianças e garantindo uma aprendizagem significativa (29).

A comunicação ajuda a desenvolver estratégias e diminuir os ruídos na relação família e escola. Deve se saber como a escola, ou melhor, os professores utilizam e empregam as experiências que os alunos têm em casa nas atividades escolares, pois a aproximação das técnicas à realidade do aluno desperta o interesse dele para o aprender (27).

Pesquisas apontam que os pais, independente do nível social, tem se preocupado cada vez mais com a educação dos filhos, supervisionando e acompanhando não só a vida escolar, mas desenvolvendo em suas próprias casas formas lúdicas de transmissão de conhecimento (27). Com relação as expectativas dos pais diante a aprendizagem dos seus filhos, pode se dizer que quanto mais as expectativas dos pais forem percebidas, tanto mais positiva a atitude geral dos alunos frente à escola. Em um estudo realizado nas escolas de Michigan, Fox descobriu que aquelas que eram mais estimuladas pelos pais utilizavam mais habilidades (a exemplo da inteligência), tinham maior auto-estima, mais atitudes positivas frente à escola e se ajustavam psicologicamente melhor a ela (30).

A participação dos pais na vida escolar dos filhos é um importante fator que influencia no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho acadêmico da criança. Quando existem grandes descontinuidades entre a casa e a escola, as crianças são incapazes de compreenderem a cultura escolar e de aplicarem as suas experiências passadas aos novos contextos. Essa incapacidade, que pode se apresentar como violência, desinteresse nas atividades propostas e indisciplina, deve ser percebida pelo professor, sendo sua função traçar um plano de ação que inclua a comunicação com os pais (25). Em suma:

Olhamos para o envolvimento parental como uma variável importante no processo de melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos [...], embora tenhamos presente os benefícios do envolvimento parental na vida na escola, consideramos que há zonas que devem estar reservadas aos professores e que devem ficar privadas da interferência exterior. Essas zonas incluem todas as decisões que dizem respeito aos modelos pedagógicos, metodologias de ensino e avaliação dos alunos. (25)

É função da escola em parceria com os pais amenizar as assimetrias sociais que vão surgindo ao longo do processo educativo, pois é fundamental proporcionar condições a todos os alunos para que eles consigam desenvolver e percorrer o seu próprio caminho escolar (25).

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Investigar as possíveis influências da família, tal qual está organizada no mundo contemporâneo, dentro do contexto escolar de crianças do Ensino Fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar as relações familiares contemporâneas
- Identificar se há uma interação entre a família e a comunidade escolar.
- Verificar a influência da família contemporânea na vida escolar da criança a partir do olhar dos pais/responsáveis e professores.

METODOLOGIA

NATUREZA DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou um levantamento de dados de modo descritivo qualitativo.

LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado em uma escola municipal de uma cidade da região do Alto Paranaíba no Estado de Minas Gerais. A cidade possui uma população de aproximadamente vinte mil habitantes e possui instituições de ensino que atendem desde a educação infantil até o ensino médio.

A escola em questão atende cerca de 500 alunos distribuídos em três turnos: matutino, vespertino e noturno. O curso noturno é oferecido a adultos que participam de programas de alfabetização como o EJA.

PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa teve como participantes os pais/responsáveis pelos alunos de uma classe do quinto ano do ensino fundamental e o professor responsável pela turma. Tal período de escolarização foi escolhido devido ao fato de que nesse período presume-se que já exista um vínculo entre a família e a escola pelo fato de o aluno já estar inserido no contexto escolar há mais tempo e também que haja confiança dos pais em deixar o filho na escola. Hellen Bee diz que o relacionamento

dos pais com as crianças nessa fase deixa de ser baseado nos aspectos disciplinares e passa a se focar nas atividades regulares que ela deve desenvolver, em seu desempenho escolar e permitindo certo nível de independência (31). Devido a esse fato foi escolhida uma única sala do 5º ano para realização da pesquisa.

Os pais ou responsáveis foram solicitados de modo a fornecer as informações a respeito da organização familiar na qual o aluno estava inserido além de questionar a participação da família nas atividades escolares. Já do professor foi requerida a percepção dele com relação ao aprendizado de seus alunos, correlacionando com a estrutura e participação da família na vida escolar dos mesmos. A amostra dos pais ou responsáveis foi obtida por meio de senso de participação. A classe é composta por 30 crianças, mas apenas 17 (56,66%) pais compareceram à reunião, fato já esperado pela professora que relatou diversas justificativas para a falta desses pais: alguns moram na zona rural, outros trabalham e alguns não se interessam pela vida escolar do filho. Dos pais presentes, 15 responderam ao questionário. O professor que respondeu a pesquisa, necessariamente regia a classe do quinto ano do ensino fundamental em questão.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE PERFIL E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR AUTOREFERIDO PELOS PAIS/RESPONSÁVEIS

O questionário utilizado para obter-se os dados relativos aos grupos familiares foi elaborado pelas pesquisadoras, e apresenta questões fechadas para a caracterização do contexto familiar ao qual a criança está inserida, contendo variáveis como: grau de parentesco com o aluno, número de pessoas que moram na casa com ele, participação da família nas atividades escolares (Apêndice A).

ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de entrevista foi elaborado com a finalidade de perceber através do discurso da professora sua visão sobre a participação da família na vida escolar dos alunos de sua classe. No instrumento foram abordadas questões referentes ao rendimento acadêmico do aluno frente a participação ou não dos pais/responsáveis na vida escolar do filho, importância da família no interesse do aluno pelas atividades propostas, influência da estrutura familiar no comportamento do aluno (Apêndice B).

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O estudo só foi implementado após a aprovação da diretoria da instituição, do CEPE da UNIFRAN e aceitação do professor em participar.

A reunião na qual o questionário foi aplicado ocorreu na tarde do dia 20 de maio de 2014 em horário de aula (turno vespertino). A amostra foi obtida através de senso de participação. O questionário foi entregue na reunião anteriormente agendada e recolhido ao término da mesma. Cada participante recebeu no início da reunião o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). A pesquisadora passou as explicações necessárias de forma oral sobre os procedimentos adotados para que a pesquisa pudesse ser aplicada, indicando a mesa que continha a urna onde o Termo de Livre Consentimento Esclarecido deveria ser depositado depois de preenchido corretamente. No ato de entrega do termo, o participante recebeu o questionário que estava em envelope lacrado. O questionário foi preenchido em uma média de tempo de 30 minutos e após o preenchimento, os participantes foram orientados a depositar as folhas respondidas em outra urna posicionada na sala.

A aplicação da entrevista se deu no dia 29 de agosto de 2014, na escola em estudo. Ocorreu em uma sala na própria escola, marcada com antecedência, verificando a disponibilidade do professor. Ao início da entrevista foi entregue o

Termo de Livre Consentimento Esclarecido a entrevistada e em seguida procedeu-se a coleta de dados que teve tempo estimado de 20 minutos, sendo gravada e posteriormente transcrita na íntegra.

ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada de acordo com os termos determinados no parecer ético emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE) da Universidade de Franca (UNIFRAN), assim como das Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, guardando total sigilo sobre a identidade dos participantes, o material colhido (gravado e transcrito), e o nome da instituição onde a mesma foi realizada.

Um pedido para realização da pesquisa envolvendo seres humanos foi enviado à Universidade de Franca (UNIFRAN). A resposta do CEPE foi positiva e deu-se início à coleta de dados.

Também se fez necessária a busca das autorizações mediante a prefeitura da cidade onde foi realizada a pesquisa.

TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados tanto do questionário quanto da entrevista, foram apresentados por meio da análise do discurso dos participantes da pesquisa. Eles foram confrontados com as teorias de Vygotsk, Cesar Coll, Lacan, Freud entre outros.

RESULTADOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DE PERFIL E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR AUTOREFERIDOS PELOS PAIS/RESPONSÁVEIS

A amostra dos respondentes ao questionário foi composta por 15 pais/responsáveis.

Percebeu-se através da amostra que dos 15 participantes 12 são mães; 1 é pai; 1 é a avó; 1 é a avô e todos os participantes disseram morar com o aluno.

Sobre a caracterização do grupo familiar dos alunos, ou seja, com quem o aluno mora, nota-se que 10 deles são compostos por 'Pai, Mãe, Filho (aluno) e Irmãos Biológicos'; 2 grupos se constituem de 'Mãe, Filho (aluno), e Irmãos Biológicos'; 1 dos grupos se forma com 'Mãe, Filho (aluno), Irmãos Biológicos e Tios'; 1 tem em sua formação 'Mãe, Filho (aluno) e Padrasto'; e 1 é constituído por 'Avô, Avó e Neto (aluno)'.

Quanto ao número de pessoas que moram na mesma casa com o aluno elucidada-se que 4 respostas apontam para 3 pessoas por casa; 5 participantes responderam que há 4 pessoas morando na casa da criança a qual representam; 6 respostas mostram um grupo de 5 pessoas na residência do aluno.

Analisando as respostas, observa-se que 8 dos pais/responsáveis que responderam ao questionário disseram que os pais das crianças são casados e conseqüentemente moram juntos. Outros 7 disseram que os pais do aluno não são casados e não moram juntos.

Perguntou-se no questionário se os pais têm filhos de outros casamentos. Uma parcela de 5 pais/responsáveis respondeu que sim, os pais do aluno têm filhos de outros relacionamentos. Os outros 10 relataram que os pais só têm filhos dentro da instituição do casamento.

Questionou-se a respeito da convivência dos filhos com os pais que são separados, as respostas foram variadas. Dos filhos que não moram com pai e mãe,

4 deles tem acesso à convivência com os dois. Outros 2 que também não moram com pai e mãe só convivem com um deles e 1 dos alunos tem convivência esporádica com pai/mãe que não mora com ele.

A participação da família nas atividades escolares também foi um tema abordado no questionário e como resultado, 12 dos participantes da amostra responderam que participam ativamente e 3 disseram nem sempre participar das atividades. Vale ressaltar que os participantes da pesquisa correspondem a apenas 50% do total de pais da classe que é composta por 30 alunos e ainda assim, 3 dos 15 respondentes nem sempre participam das atividades escolares do filho.

Sobre incentivar seus filhos, 14 dos pais/responsáveis responderam que sempre os incentivam a estudar em casa e apenas 1 respondeu que não tem esse hábito. Sobre determinar tempo de estudo extraclasse ao filho, 9 das respostas foram afirmativas, onde a família determina tempo de estudo em casa ao aluno; 4 responderam que não há estipulação de tempo para estudo fora da escola; 2 pais/responsáveis relataram que o aluno estuda por vontade própria fora do horário escolar e todos os pais responderam que os filhos sempre fazem os deveres de casa.

Indagou-se no questionário se os pais trabalham fora. Constatou-se que em 4 famílias só o pai trabalha fora; em 2 famílias somente a mãe trabalha fora; 7 dos que compõem a amostra relataram que pai e mãe trabalham fora de casa; 2 pais/responsáveis pontuaram que nenhum dos dois trabalham fora, pois desempenham funções assalariadas em suas próprias residências.

Na escola onde o questionário foi aplicado não são oferecidas aulas em período integral para o quinto ano, o que significa que os alunos pertencentes ao turno vespertino têm o período da manhã livre. 10 dos respondentes disseram que o aluno fica com os avós; 3 relataram que o aluno fica sozinho em casa e outros 2 constataram que o aluno fica com a tia durante o tempo em que os pais estão trabalhando.

Quando questionados sobre seu interesse em perguntar e conversar com o filho sobre o que se passa na escola, 9 dos pais responderam que sempre perguntam, ao passo que 2 disseram não perguntar sobre o que se passa na escola; 4 participantes da pesquisa perguntam ao filho sobre a rotina das aulas de maneira intermitente.

Participar das reuniões propostas pela escola foi outro ponto levantado no questionário. 14 responderam que sempre vão às reuniões que a escola promove e 1 participante disse que só vai a algumas.

No caso de os pais não poderem comparecer à reunião em um determinado dia por qualquer motivo, questionou-se sobre quem iria em seu lugar. A maioria das respostas obtidas, 5 delas, apontou que a mãe sempre vai mesmo que trabalhe ou tenha outros compromissos. Em 3 famílias o pai comparece às reuniões caso outra pessoa não possa. Outras 3 pessoas relataram que a avó representa os pais caso não possam ir às reuniões. 2 respostas apontaram a irmã como representante substituto dos pais. 1 criança fica sem representante caso os pais não possam estar presentes, pois ninguém vai. 1 último aluno é representado pelo avô nas reuniões quando os pais não estão disponíveis no horário e dia determinados.

Indagou-se a respeito de possíveis dificuldades apresentadas pelos alunos. 8 das respostas afirmam que o aluno não apresenta dificuldades de aprendizagem. 3 disseram que nenhuma dificuldade de aprendizagem foi percebida até o momento. 4 disseram que os alunos tem dificuldade de aprendizagem. As maiores dificuldades percebidas foram nas áreas de Português e Matemática.

Relacionado ao comportamento, 11 dos pais disseram que o aluno não apresenta comportamentos inadequados na escola. 3 alegaram não ter tido nenhuma reclamação do professor até o momento e 1 falou que o aluno apresentam indisciplina na escola.

Ao serem questionados sobre o interesse e a participação dos filhos nas atividades coletivas e individuais, 12 dos que responderam, disseram que o aluno se interessa e participa de tudo. 3 relataram que o aluno só se interessa pelas atividades individuais.

DADOS RELACIONADOS À PARTICIPAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS REFERIDOS PELA PROFESSORA

Com sua vasta experiência na prática docente, a professora que dá aulas há mais de trinta anos ao ser indagada sobre ser fácil perceber quando a família participa ou quando não participa da vida escolar do aluno, se há diferença de

rendimento daqueles alunos em que a participação dos pais é maior e daqueles em que não há participação familiar, relatou ser fácil perceber tal participação e que aquele aluno que recebe ajuda dos pais tem melhor rendimento.

Fácil [...]. Quando a mãe ou o pai ajuda, o menino realmente faz os deveres, o menino realmente tem interesse [...] em caprichar no caderno, sabe? Quando a mãe às vezes, [...] até procura a gente: ‘– No quê que meu filho está tendo dificuldade?’; e aquele que a mãe não colabora / o pai não colabora, sempre trabalha, e se preocupa com o serviço, chega em casa cansado do trabalho, aí o menino não tem muito interesse não, sabe? [...]. (Professora).

Sobre o aluno que convive apenas com um dos pais, a docente comentou que só o fato de o aluno conviver com pai e mãe não define se o rendimento dele vai ser alto. Tem alunos que moram com avós, que convivem somente com a mãe e eles se desenvolvem bem. Tudo vai depender da educação que a criança recebe em casa e de como a família se interessa pelo rendimento escolar dela.

Nem sempre [...]. Eu tenho aluno que está convivendo só com a mãe, [...] assim, ela não preocupa com a aprendizagem, sabe? Não tem muita preocupação com a aprendizagem não. Então [...] depende. [...] eu já tenho aluno que mora, por exemplo, com a mãe só, e está indo até bem [...]. Eu tenho aluno que mora com o avô, que tem pai e tem mãe, mas mora com o avô sabe? E a menina é encantadora. Então, assim, depende demais da educação [...] que se tem na casa. (Professora).

Quanto a maior participação de pais ou mães nas reuniões que a escola convoca, a professora respondeu que depende muito do nível da turma. Em uma turma classificada como conceito “A” há participação dos dois. Já nas turmas de conceito “C”, a participação fica reduzida apenas às mães e há casos em que é a avó que pergunta como as coisas vão. A respeito desse questionamento a docente diz que:

[...] se for uma turma melhor, a participação é do pai e da mãe, se for turma [...] A, por exemplo, que a gente considera que é uma turma melhor [...] vem pai, vem mãe [...] Agora, quando as turmas são mais fracas, raramente vem pai, mais é mãe mesmo. Tem casos que até a avó, sabe? ‘– Ah, a mãe não teve tempo, e eu vim cá, ver o que é que teve’ [...], no caso de turma boa, a participação é dos dois lados; agora, no caso de uma turma mais fraca, é de mãe mesmo. (Professora).

A professora comentou sobre a separação dos alunos por turma e segundo ela, a divisão das classes é realizada através de avaliações feitas pela

própria escola, contendo também avaliação psicológica. Os alunos com mais facilidade no aprendizado são agrupados nas salas consideradas melhores e os com maiores dificuldades de aprendizado ficam nas salas consideradas mais fracas.

Sobre o rendimento dos alunos ser influenciado ou não se os pais dele são separados, o mesmo conviver com padrasto/madrasta ela conta que o que interfere no rendimento do aluno são os valores e a educação que recebem em casa. Mesmo aqueles que moram na casa da mãe, por exemplo, e vão passar um tempo na casa do pai, se ele vai ficar nervoso ou alterado depende de como ele consegue lidar com a situação baseado nos valores que têm internalizado.

[...] tem uns (alunos) que ficam [...] uma semana na casa do pai, uma semana na casa da mãe então, [...] há bastante influência, [...] eu tenho aluno assim, quando vai pra casa do pai [...] volta mais agressivo, sabe? Mas não é sempre não, eu já tenho aluno também, que vai, fica, e volta normal. [...], acho que é a educação que se tem lá na casa mesmo. Depende de que jeito é a convivência lá do lugar onde ele for. (Professora).

Sobre o que mais poderia influenciar negativamente a aprendizagem do aluno, se a própria individualidade dele ou uma família não muito participativa, a professora evidencia que o que influencia negativamente é a falta da participação da família.

Nossa! Assim parece que eu estou jogando a culpa só na família, mas, a família que se preocupa com o menino, ele aprende melhor e ajuda a gente. [...] a gente tem que dar uma ajuda também, mas a família [...] que ajuda menos, [...] o menino é bem mais desinteressado, [...] quando ele faz alguma coisa [...] ele faz pra quem ver? Porque tem mãe e tem pai que nem olha o caderno. Tem época que [...], às vezes ele tem alguma atitude que não está de acordo com a sala, eu mando, [...] bilhete, falo assim: ‘– Seu filho está fazendo tarefa extra por isso, e por isso’, tem pai que nem assina o bilhete, e eu mando pra assinar [...]. Quer dizer o quê? O pai não olha nem o caderno, e o menino vai fazer isso pra quê, pra me agradar? Claro que não! Ele não vai fazer só por meu interesse. [...] então, eu acho que a família tem uma grande influência. (Professora).

Com relação à participação efetiva da família nas atividades do aluno ser influência positiva para o aprendizado do mesmo, a docente considera que tal participação contribui ativamente para a aprendizagem do aluno, pois serve de estímulo para ele.

Porque o menino vai fazer pra agradar o pai, pra agradar a mãe, sabe? E aí, ele sabendo que tem alguém sempre de olho nele, sempre interessado no que ele sabe, ele vai querer fazer tipo assim: ‘- Nossa, eu quero mostrar pro

meu pai que eu sou capaz de fazer até melhor do que isso', então, [...] influencia bastante sabe? [...] O menino deve ter mais interesse [...] tendo alguém assim, sempre pra cutucar, sempre pra cobrar. (Professora).

DISCUSSÃO

Ao se observar os resultados da pesquisa percebe-se que a grande maioria da amostra foi composta por mães, mas que também há pais, avós e avôs representando os alunos. Pouco mais da metade dos pais compareceram à reunião por motivos diversos. Conforme relato da professora, alguns trabalham, outros moram na zona rural e outros não se preocupam com a vida escolar do aluno; o que ainda demonstra certo distanciamento entre a família e a comunidade escolar.

Todos os responsáveis disseram morar com o aluno. Nota-se além da presença de mães e pais que os avós e avôs responderam ao questionário, o que significa que eles também fazem parte da dinâmica interna da casa do aluno, inclusive cuidando deles para os pais que trabalham fora. Isso demonstra claramente os novos modelos de grupo familiar, pois diferentemente da família nuclear que era composta apenas por pai, mãe e filhos (10), a família denominada 'pós-moderna' (17) admite a presença de outros integrantes nesse enredo, como é o caso das famílias descritas na presente pesquisa.

Os pais dos alunos, em sua maioria são casados, mas uma grande parcela não o é. Essa é também uma característica da pós-modernidade, pois o discurso normatizador e a prática do casamento não são iguais aos modelos estabelecidos pelo patriarcado. Não mais há um modelo único (17,18).

Pode-se observar que o modelo predominante ainda é o modelo patriarcal (10), porém é possível encontrar outros modelos presentes. A grande maioria relatou que a mãe mora com o aluno, mas uma parcela, ainda que menor, respondeu que o pai não está presente, demonstrando que a figura do pai não aparece sempre nos enredos familiares atuais (16); outros destacaram que o aluno mora com os avós; alguns não têm irmãos; e constata-se até a presença de padrastos e tios no contexto familiar, o que caracteriza a diversidade e a pluralidade de modelos existentes na contemporaneidade (1).

No que se refere à questão de se chefiar a família, naquelas onde o pai se faz presente, esse papel é exercido por ele. Mas nos outros modelos a mãe arca

com tal responsabilidade. Apresenta-se aqui outra característica determinante para as mudanças sofridas pela família: a inserção da mulher no mercado de trabalho (10, 16a, 18) e a possibilidade do divórcio (10). A retirada da mulher do seio familiar para o trabalho fez com que os papéis sexuais e as obrigações com os filhos se transformassem (16), ocasionando também a divisão das responsabilidades de se educar o filho com a escola. O divórcio, quando acontece, por si só já origina uma nova forma de família. Se o pai é o provedor do sustento familiar e a criança fica com a mãe depois da separação, essa função de trabalhar e buscar o sustento familiar passa a ser dela, levando em conta o fato de a criança ser ainda incapaz de se sustentar sozinha (2). Há também os casos em que ou a mãe vai morar na casa dos avós e passa a depender do sustento do avô (pai da mãe do aluno) ou a criança vai morar com os avós sem a mãe e assim depende dos cuidados deles (1,2).

Quando os pais são separados, há aqueles filhos que mesmo depois da separação convivem com os dois e também foram percebidos na amostra aqueles que convivem apenas com um dos pais. Evidencia-se aqui o modelo monoparental, uma das novas configurações que vem se destacando no cenário familiar atual (10,15). No relato da professora, pode-se perceber que a conduta e aprendizagem do aluno dependem muito da educação que ele recebe em casa (1). Mesmo quando os pais são separados e o aluno convive nas casas dos dois a conduta dele não muda se ele tiver um tratamento adequado nos dois lugares. Caso contrário, o aluno pode ficar nervoso e agressivo (27,28).

A grande maioria dos responsáveis que responderam ao questionário trabalha fora. Há uma incidência maior de pais trabalhando fora de casa, embora um contingente considerável de mães também esteja inserido no mercado de trabalho. Esse é um reflexo da industrialização do mercado (10,15), o que também causa um distanciamento precoce da criança de seu convívio em família (15). Os pais que trabalham são forçados a deixar os filhos com alguma outra pessoa. No caso da amostra em questão, as crianças não sofrem um distanciamento total do seio familiar, pois os cuidadores ainda pertencem à família. A grande maioria relatou que o filho fica com a avó e alguns deixam os filhos com tios desses. Alguns disseram que o aluno fica sozinho em casa, o que não é muito recomendável devido ao fato de a criança não ser ainda capaz de se responsabilizar pelo que acontece (2).

Mesmo que a maioria seja cuidada por pessoas da própria família, o contato que eles têm com os pais fica reduzido, pois no período da manhã, que é

quando estão em casa os pais estão trabalhando, à tarde frequentam a escola e o único momento em que convivem com os pais é o período da noite (15).

Na atualidade, a quantidade de pessoas morando nas casas é menor (10,18) e tal fenômeno se faz presente nos resultados coletados. Um dos fatores contribuintes para esse fenômeno é a escolha feita pelas mulheres que optam por ter menos filhos (ou nem os ter) em função da vida profissional (10,18), outro é a elevação do custo de vida, pois até meados do século passado a família produzia em seu próprio seio os materiais que consumia evitando custos adicionais, prática que na atualidade caiu no desuso (10,17).

Uma parcela maior da amostra disse não ter filhos de outros casamentos, porém há aqueles que têm. Aqui se evidencia mais uma vez a pluralidade das formações familiares contemporâneas. Os pais que se divorciam ou têm os filhos mesmo sem terem se casado um dia, se ligam a outros parceiros e geram filhos com eles, formando uma rede de filhos com meios-irmãos (1,10).

A partir da análise dos dados, observa-se que as novas formas de família estão presentes na sociedade (1) e tal afirmação pode ser constatada na amostra ouvida através dessa pesquisa.

A respeito da participação dos pais na vida escolar de seus filhos, percebe-se que a maioria da amostra respondeu que participa ativamente indo às reuniões da escola, conversando com o aluno sobre o que acontece em sala de aula, observando se o filho faz ou não os deveres. Percebe-se que há um interesse maior da parte dos pais na educação de seus filhos e essa contribuição é feita através da atenção dedicada pelos pais às atividades realizadas pelo aluno (27). Quanto mais o aluno percebe o interesse por parte dos pais sobre aquilo que ele faz na escola mais ele vai se apresentar motivado a realizar as tarefas (29). No relato da professora entrevistada, o fator interesse dos pais pela vida escolar do filho é claramente percebido como ponto positivo e visto como essencial para o desenvolvimento da aprendizagem. Para ela, o aluno cujos pais não dão atenção especial às atividades escolares dele, aprende com mais dificuldade.

Com relação aos pais que trabalham fora e só se encontram com o filho depois de uma longa jornada de trabalho, se faz necessário um esforço por parte desses em perguntar ao filho sobre o que se passa na escola, verificar os deveres e trabalhos feitos pela criança, porque aí se apresenta, segundo o relato da professora, um ponto crucial e determinante para o aprendizado da criança. Se os

pais deixam-se levar pelo cansaço do trabalho e não demonstram interesse nas atividades do filho, (26) o mesmo pode não se desenvolver de maneira satisfatória.

Uma quantidade expressiva das respostas aponta que os pais determinam tempo para que o aluno estude fora do período das aulas. Nota-se a partir dessa afirmação que os pais, mesmo os que trabalham, supervisionam o que acontece com o filho quando estão fora de casa e produzem atividades lúdicas e educativas que estimulam o aluno. De acordo com os pais que responderam, os alunos levam os deveres de casa feitos para a aula, o que reflete mais uma vez que os pais têm participado mais das atividades escolares. (26).

A maior parte dos pais relata através de suas respostas que vai a todas as reuniões propostas. Muitas mães disseram que sempre vão, mesmo que trabalhem estão sempre disponíveis aos compromissos escolares do filho. Quando não podem comparecer quase todos, com exceção de um em que não vai ninguém representando o aluno caso os pais não possam ir, relataram que mandam um representante. Os representantes citados são todos da família do aluno, a exemplo de irmãos e avós. Nesse caso, pode-se perceber que a família em seu contexto geral está envolvida no contexto escolar (23). A professora também relata receber além das mães e pais, avós que a procuram para saber como anda o aluno dentro da instituição escolar.

Com relação à participação da família no contexto escolar dos alunos, a amostra apresentou uma relação próxima. No contexto analisado, considerando o número de pais que compareceram à reunião, eles se mostram atentos e percebem o que se passa com seus filhos na escola. A relação das famílias que responderam ao questionário com a escola onde seus filhos estudam é de união, ponto destacado como necessário ao aprendizado pela professora e visto como ideal pelos precursores da reforma educacional de 1932 (23).

Sobre as dificuldades de aprendizado, uma expressiva parte da amostra aponta que não há nenhuma dificuldade ou que a mesma não foi percebida até o momento. Considerando que as famílias que responderam a pesquisa demonstraram estar unidas à escola na missão de transmitir conhecimento aos filhos, é importante mencionar que esse é um fator contribuinte para o desenvolvimento acadêmico e social do aluno, que oferece segurança a ele e garante, assim, uma aprendizagem de qualidade (28). Uma pequena parcela dos pais que responderam, disseram que há dificuldades de aprendizado, mas estão

cientes do problema e se preocupam perguntando à professora o que deve ser feito para que a situação melhore, determinando tempo de estudo em casa ao filho e participando das reuniões regularmente, evidenciando sua participação na vida escolar dos filhos (28).

A respeito de problemas de conduta e indisciplina no ambiente escolar é importante lembrar que, o aluno tende a repetir as condutas vistas por ele no seio familiar dentro da escola (26,27) A maior parte das respostas foi que não há ou não foram percebidos até o presente momento. Os problemas de conduta que apareceram nas respostas também são conhecidos pelos pais, o que evidencia que o pai sabe o que se passa na escola, o que o filho faz e também que o pai observa as atividades e recados que o filho leva pra casa. Em seu relato, a professora pontuou que manda bilhetinhos e recados aos pais quando acontece algum desvio de conduta do aluno, pressupõe-se então, que o pai sabe dos problemas relacionados à conduta do filho observando e supervisionando as atividades do mesmo (24).

Com relação à participação dos filhos nas atividades escolares, os pais disseram que os filhos participam sempre. A maioria participa de todas as atividades e alguns em número menos expressivo relataram que o aluno prefere as atividades que desempenha sozinho. Evidencia-se nesse ponto que os alunos estão desenvolvendo as atividades propostas com interesse. O vínculo entre a escola e a família contribui para que ele se mantenha sempre interessado no que a escola propõe. (26,28).

Outro ponto observado é que há um vínculo estabelecido entre os alunos e a professora, o que é também importante para a aprendizagem do aluno. No relato da professora, ela descreve que há casos em que os pais não são tão interessados nas atividades que o aluno desempenha, então ele transfere este papel de cuidado e atenção a ela. Nota-se então a necessidade da prática docente ser realizada com amor, apreço e dedicação (28), pois o papel do professor é muito mais que transmitir o conteúdo programático da série em que leciona. É função do mesmo criar as estratégias que vão contribuir para a o melhor aprendizado do aluno e diminuir a distância entre a família e o contexto escolar (28).

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada pode-se perceber que as novas configurações familiares estão presentes na sociedade contemporânea. Mesmo sendo o modelo patriarcal predominante, percebe-se também os novos contornos que a família foi adquirindo no decorrer do tempo, através das mudanças sociais e históricas sofridas por ela. Apresentam-se ainda na amostra famílias monoparentais, famílias reconstituídas dos pais que se separam e voltam a se casar, famílias extensas em que o grupo familiar é composto por avós, pais, tios e irmãos. A família apresenta então, formas cada vez mais diversas de se organizar.

É possível notar também a influência da família no desenvolvimento escolar dos alunos. Demonstrou-se através dessa pesquisa que as famílias têm se incluído na vida escolar das crianças, participando das reuniões, questionando sobre o que acontece no ambiente escolar e supervisionando as atividades que o aluno desempenha. É importante ressaltar também a presença do pai, do avô e da avó respondendo ao questionário, o que significa uma participação geral do grupo familiar do aluno envolvido no processo de ensino. Quanto mais participativa a família, maior é o rendimento dele.

Confirma-se então a hipótese de que a família contemporânea tem papel importante no processo de aprendizagem do aluno.

Pode-se dizer que as novas configurações de família e a maneira como ela está organizada atualmente, com todos os seus contornos e novas constituições não interfere na aprendizagem do aluno. Tanto os alunos participantes da amostra que fazem parte de um modelo de família considerado novo quanto os que fazem parte do modelo patriarcal se desenvolvem academicamente como apresentaram os resultados. O que realmente pode contribuir de forma positiva ou negativa é a forma como essa família participa ou não da vida escolar do aluno.

Se a família se mostra interessada no que o aluno faz, nas produções e progressos dele mediante as atividades, demonstrando afeto por ele, se possui uma relação estreita com a escola, o aluno tem todas as condições para se desenvolver a

de maneira positiva. Se a família se apresenta distante de tudo aquilo que ele faz relacionado à escola, o aluno pode apresentar um total desinteresse em tudo o que diz respeito à vida acadêmica.

Mediante os resultados obtidos sugere-se que essa pesquisa seja realizada com outras escolas e outras famílias que não são participativas nas atividades da escola e não somente com os pais que participam ativamente da vida escolar de seus filhos. Diante disso, talvez seja necessária a busca ativa dos pais em seus endereços residenciais para obtenção de resultados mais amplos.

Concluindo, pode-se perceber que a relação entre o aluno e sua família é determinante para definir a maneira com que ele age e se comporta na escola. A participação da família no contexto escolar do aluno tem sim um papel de suma importância para o processo de formação do aluno, seu desenvolvimento acadêmico e social na escola.

REFERÊNCIAS

- (1) Bock AMB, coordenador. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13ª. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva; 2002.
- (2) Solano LC, Queiroz JC, Carvalho FPV, Timóteo RPS, Monteiro AI. O processo histórico do Arquétipo Familiar Contemporâneo e a invenção do Incesto. *Rev. enferm. UERJ*. 2009;17(4):601-5.
- (3) Pessoa VS. A Afetividade sob a ótica Psicanalítica e Piajetiana. *Publicatio UEPG – Ciências Humanas*. 2000;8(1):97-107.
- (4) Moretti VD, Asbshr FSF, Rigon AJ. O Humano no Homem: os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Histórico-Cultural. *Psicologia & Sociedade*; 2011;23 (3):477-485.
- (5) Aguiar WMJ. Reflexões a partir da Psicologia Sócio Histórica sobre a categoria “Consciência”. *Cadernos de Pesquisa*. 2000(110):125-14.
- (6) Rabello ET, Passos JS. Vygotsky e o Desenvolvimento Humano. *Port. Br. At. [periódico na Internet]* 2010. [acesso em 20 de maio de 2014];(1);1-6. Disponível em <http://www.germe.net.br/uniesp/textos/seminarios/Vigotski/Desenvolvimento-humano.pdf>
- (7) Kruger H. *Introdução à Psicologia Social/Helmuth Kruger*. São Paulo: EPU; 1996. (Temas básicos de Psicologia; v. 12).
- (8) Lima JC. *Meritocracia na Caserna*. [Monografia]. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; 2009.
- (9) Lacan J. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. *Encyclopédie Française*; 1938.
- (10) Oliveira NHD. *Recomeçar: Família, Filhos e Desafios* [monografia na internet]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica; 2009. [acesso em 12 de junho de 2014] 236p. Disponível em <http://books.scielo.org>
- (11) Ferreira ABH; Ferreira MB; Silveira AM. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4ª. ed. Curitiba: Positivo, 2009. XXXVII, 2120 p.
- (12) Hidalgo V, Palácios J. *Desenvolvimento da Personalidade entre os Dois e os Sete Anos*. In: Coll C, Marchesi A, Palacios J. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2003. v. 1. p. 181-198.

- (13) Silva HF. A família e o afeto: O Dever Fundamental dos Pais em dar Afeto aos Filhos como Mecanismo de Proteção ao Desenvolvimento da Personalidade e Concretização da Dignidade Humana. *Nomos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC*, 2012;32(2):205-21
- (14) Simões SCC. Influência dos Estilos Educativos Parentais na Qualidade da Vinculação de Crianças em Idade Escolar em Diferentes Tipos de Família. [Tese]. Porto: Universidade do Porto, Portugal; 2011.
- (15) Cecconello AM, Antoni CD, Koller SH. Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico. *Psicologia em Estudo*, 2003;8(num. esp.):45-54.
- (16) Stimiestki IT. A Importância da Família no Processo de Alfabetização do Educando. [Monografia] Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.
- (17) Meira MCR. A Evolução da Família e suas Implicações no Cuidado dos Filhos. *Pleiade*, 2008;2(1):151-162.
- (18) Assis RH. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho. Instituto Superior de Educação Ceres. In: VI CONVIBRA – Congresso Virtual Brasileiro de Administração; 2009. Disponível em http://www.convibra.com.br/2009/artigos/140_0.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2014.
- (19) Martins AMS. Breves Reflexões Sobre as Primeiras Escolas Normais no Contexto Educacional Brasileiro no século XIX. *HistedBr*, 2009;9(35) 173-182.
- (20) Coimbra CMB. As Funções da Instituição Escolar: análise e reflexões. *Psicol. Cienc. Prof.* 1989;9(3) 14-6.
- (21) Campos AR. Família e Escola: Um Olhar Histórico sobre as Origens dessa Relação no Contexto Educacional Brasileiro. [Tese]. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense; 2011.
- (22) Organización de Estados Iberoamericanos. Sistema Educativo Nacional de Brasil: 2002 / Ministério da Educação de Brasil y Organización de Estados Iberoamericanos. Informe da OEI, Madrid, 2002. Madrid; 2003 (OEI. Sistemas Educativos Nacionales).
- (23) Cardoso MA, Lara AMB. Sobre as funções sociais da escola. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação; 2009; Curitiba, BR. Curitiba: Editora Universitária Champagnat; 2009. p.1313-1326.
- (24) Lima AB. Manifesto dos Pioneiros da Educação (1932): Leituras de seus 80 anos. In: Anais Eletrônicos do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”; 2012. p 963-90
- (25) Picanço ALB. A Relação entre Escola e Família: As suas Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem. [Dissertação] Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus; 2012.

- (26) Pardim CS. O movimento da Escola Nova no Brasil na Década de 1930. [Dissertação] Campo Grande: Universidade Federal Mato Grosso do Sul; 2012.
- (27) Dessen MA, Polonia AC. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 2007;17(36): 21-32.
- (28) Fernandes TA. Sociedade, família e escola. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 2008;17/18(1): 253-266.
- (29) Martins SVM, Tavares HM. A Família e a Escola: Desafios para a Educação no Mundo Contemporâneo. *Revista da Católica*, 2010;2(3): 256-263.
- (30) Fraiman LP. A Importância da Participação dos Pais na Educação Escolar. [Dissertação] São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.
- (31) Bee H. A criança em desenvolvimento. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2003.

APÊNDICE – A: Questionário de identificação de perfil e participação familiar na vida escolar

Você é do aluno (a): () pai () mãe () avó () avô () padrasto () madrasta () irmão () outro _____

1. Mora com o aluno?

- a) Sim
- b) Não

2. Quem mora na casa com o aluno?

- () pai
- () mãe
- () irmãos biológicos _____
- () irmãos agregados _____
- () avó
- () avô
- () primos _____
- () tios _____
- () padrasto
- () madrasta

3. Quem é o chefe da família?

- a) Pai
- b) Mãe
- c) Avó
- d) Avô
- e) Tio

4. Quantas pessoas moram na casa do aluno (a)?

- a) 2
 - b) 3
 - c) 4
 - d) mais de quatro? quantos? _____
5. Os pais do aluno são casados?
- a) Sim
 - b) não
6. Os pais do aluno têm filhos de outros casamentos?
- a) Sim
 - b) não
7. Se os pais não são casados, a criança convive com os dois?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Nem sempre
8. A família participa ativamente da vida escolar da criança?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Às vezes
9. Os pais ou responsáveis incentivam o aluno a estudar em casa?
- a) Sim
 - b) Não
10. A família determina um tempo todos os dias para que o aluno estude?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) ele estuda por vontade própria
 - d) ele nunca estuda em casa
11. O aluno faz os deveres de casa?

- a) Sim
 - b) Não
 - c) Às vezes
12. Os pais ou responsáveis trabalham fora?
- a) A mãe sim
 - b) O pai sim
 - c) O pai e a mãe
 - d) Nenhum dos dois
13. A criança fica com quem no período em que os pais trabalham?
- a) Creches
 - b) Com avos
 - c) Sozinho em casa
14. É dedicado um tempo para conversar com o aluno sobre como foi o dia na escola?
- a) Sempre pergunto sobre a vida escolar dele
 - b) Não converso sobre a escola com ele
 - c) Às vezes converso
15. Os pais ou responsáveis participam das reuniões que a escola propõe?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Nem sempre
16. Quem vai à reunião da escola quando os pais ou responsáveis não podem ir?
- a) Ninguém
 - b) O pai
 - c) A mãe
 - d) Responsáveis. Quem? _____
17. O aluno apresenta alguma dificuldade de aprendizagem?

- a) Não
 - b) Não foi percebido até agora
 - c) Sim. Qual? _____
18. O aluno apresenta dificuldades no comportamento na escola?
- a) Não
 - b) Não recebi reclamações do professor até o momento
 - c) Sim. Qual? _____
19. O aluno demonstra interesse pelas atividades da escola?
- a) Sim. Participa de tudo
 - b) Apenas para aquelas que desempenha sozinho
 - c) Não. Não gosta de fazer nada relacionado à escola

APÊNDICE – B: Roteiro de Entrevista

1. Para você que está todos os dias em sala de aula com a mesma classe, é fácil perceber o aluno que tem uma família que participa das atividades escolares? Há diferença no rendimento desses alunos?
2. Você considera que haja diferenciação entre o aprendizado de um aluno que convive com pai e mãe, e aquele que convive apenas com um deles?
3. Em sua prática profissional, você conviveu com vários alunos e suas respectivas famílias. Há uma participação maior de pais ou mães nas reuniões, festas e eventos escolares?
4. Ser filho de pais separados ou ter padrasto/madrasta influencia no rendimento escolar do aluno?
5. O que mais influencia negativamente o aprendizado: uma família que não participa do processo de aprender ou a individualidade do aluno?
6. As mudanças na estrutura da família podem ser negativas para o desenvolvimento escolar do aluno?
7. Uma família que demonstra interesse nos deveres de casa e apoia a participação do aluno nas atividades propostas influencia positivamente a aprendizagem do aluno?

APÊNDICE – C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Nome do participante: _____
Documento de identidade: _____ Data de nascimento: / /
CPF nº: _____
Endereço: _____ Nº _____ Apto: _____
Bairro: _____ CEP: _____ CIDADE: _____
Telefone(s): _____

EU, acima qualificado CONCORDO em participar da pesquisa “A relação da escola com a família contemporânea”, coordenada pelo pesquisador responsável Delza Ferreira Mendes e conduzida por Luana Cristina Fernandes Oliveira aluna/pesquisadora do curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Explicaram-me que esta pesquisa se justifica pela importância social do tema, que pode contribuir para o entendimento da dinâmica entre a escola e a família, abrindo caminhos para novos estudos e intervenções na área;

1. Ao ser convidado a participar, explicaram-me que os objetivos da pesquisa são: Compreender as relações familiares contemporâneas, identificar se há uma interação entre a família e a comunidade escolar, verificar a influencia da família contemporânea na vida escolar da criança em fase de escolarização. E que tais procedimentos não trarão quaisquer danos à minha saúde, não oferecendo riscos ou prejuízos;

2. O procedimento de coleta de dados quantitativos consta de: um questionário elaborado pelas pesquisadoras, contendo 19 questões de múltipla escolha, objetivando a caracterização da organização familiar e interação da família no processo de aprendizado do aluno, a ser aplicado em reunião na própria escola, pela aluna/pesquisadora, com duração estimada de 10 minutos.

3. Estou ciente de que os benefícios esperados por participar neste estudo são: ao se perceber que a relação da família com a escola é determinante para a aprendizagem do aluno, pode se pensar em estratégias para aperfeiçoar esta relação e até mesmo contribuir para um maior envolvimento familiar nas atividades propostas pela escola ;

4. Explicaram-me que o (s) pesquisador (es) garantirão o sigilo absoluto quanto a minha identidade, meus relatos escritos, meu local de trabalho, sob sua responsabilidade e as penas sob previstas na Lei brasileira em especial a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, guardando total sigilo sobre a identidade dos participantes, o material colhido (gravado ou transcrito), e o nome da instituição onde a mesma foi realizada informando me também que logo após a conclusão da pesquisa todas as mídias gravadas (pan-drive) serão apagados;

5. Sei que minha participação é livre não importando quaisquer prejuízos pessoais, e que não implica quaisquer tipos de recebimento de remuneração, auxílio ou subsídio, também sei que não tenho o dever de pagar por minha livre participação;

6. Estou ciente de que poderei, a qualquer momento, desistir da participação, sem que isso implique responsabilização, ou o cancelamento dos serviços oferecidos por esta instituição;

7. Terei o direito de me dirigir, a qualquer momento, ao(s) pesquisador(es) e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca, para os esclarecimentos sobre dúvidas que surgirem durante a pesquisa, tendo portanto o direito à informação;

8. Por fim, receberei uma cópia deste documento com os nomes e telefones de contato do pesquisador e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca.

Declaro que concordo LIVREMENTE em participar desta pesquisa, pois fui totalmente esclarecido pelo pesquisador e entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação neste estudo.

Assinatura do participante (Sujeito da Pesquisa)

Lagoa Formosa, ____ de _____ de 2014.

ANEXO I: Parecer Consubstanciado do CEP

**ANEXO II: Declaração de autorização da Prefeitura Municipal de
Lagoa Formosa**

**ANEXO III: Declaração de autorização da Escola Municipal Alzira
Borges Souto**

ANEXO IV: Declaração Autorização – CEPE

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desse trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 15 de Janeiro de 2015.

Luana Cristina Fernandes Oliveira

Ms. Delza Ferreira Mendes